MERCADO FINANCEIRO
SUAS CONTAS

Mercado recebe medidas fiscais com cautela

Bolsa de São Paulo fecha em queda de 0,63%; cotações dos contratos de juros avançam

SERGIO LAMUCCI

O mercado financeiro recebeu com cautela as medidas de ajuste fiscal anunciadas ontem pela equipe econômica. A Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) fechou em baixa de 0,63%, depois de ter oscilado fortemente durante o dia, chegando a subir 3,93% e a cair 1,92%.

Já as cotações dos contratos futuros de juros subiram bastante, por conta da divulgação, pelo governo, de um gráfico com a projeção da curva das taxas de juros até 2001, mostrando uma redução mais lenta do que o mercado esperava. Com isso, com exceção dos contratos para outubro, os demais avançaram significativamente. As apostas para novembro pularam de 2,58% para 2,65%, enquanto as projeções para dezembro tiveram alta de 2,52% para 2,65%.

O pacote fiscal agradou a boa parte do mercado. A questão é que, agora, a palavra está com o Congresso, pois medidas como a elevação da alíquota da Contribuição Provisória sobre a Movimentação Financeira (CPMF), de 0,20% para 0,38%, dependem de aprovação dos parlamentares.

O economista-chefe do BankBoston, José Antonio Pena, entende que as medidas anunciadas são factíveis, muito mais viáveis que o "pacote 51", divulgado em novembro passado após a turbulência na Ásia. A esmagadora maioria das providências anunciadas em 1997 não foi posta em prática, o que abalou a credibilidade do governo.

Mesmo que o programa atual seja mais crível que o "pacote 51", Pena diz que o mercado deve continuar em compasso de espera, agurdando a discussão e a aprovação das medidas pelo Congresso. E ele afirma que não basta apenas a aprovação do pacote pelos parlamentares: os investidores também vão acompanhar com muita atenção a adoção das medidas. Só a partir daí é que o mercado poderá reagir com mais força. "Ninguém quer pagar para ver", comentou um diretor de um banco estrangeiro.

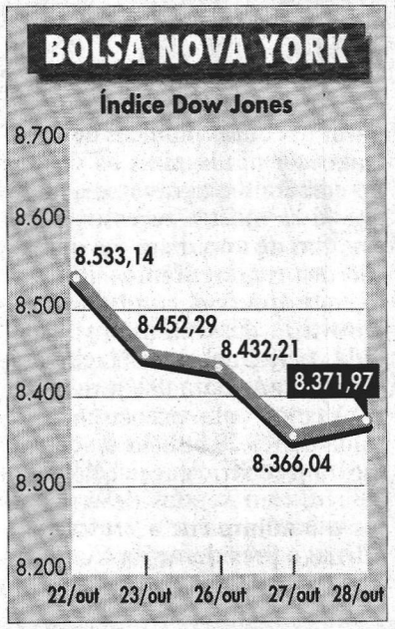
Operadores notaram a atuação "chapa-branca" no pregão. A BNDESPar, empresa de participação do BNDES, teria atuado para dar sustentação às cotações. Essa atuação é que explicaria o bom volume negociado na Bovespa, que somou R$ 583,293 milhões.

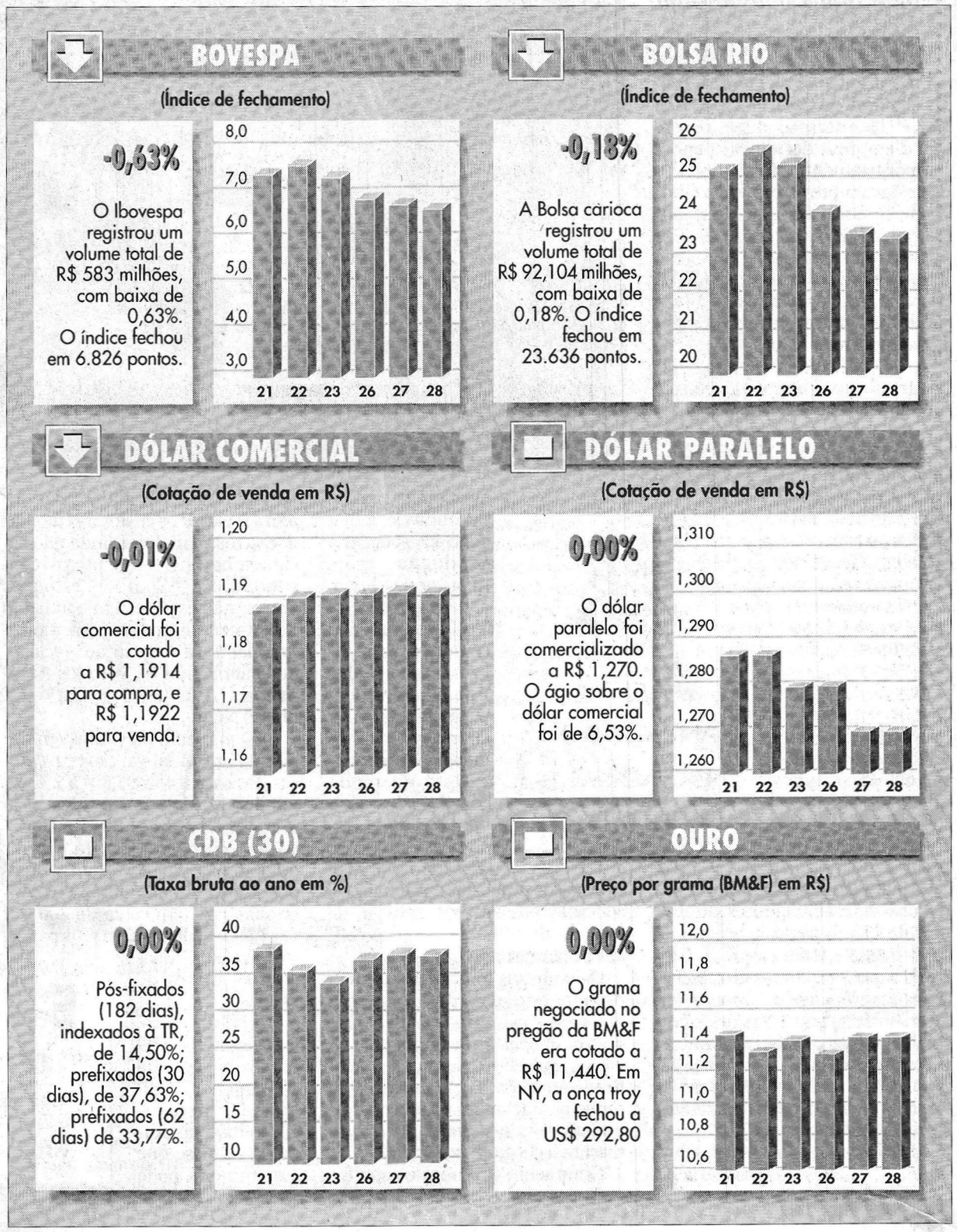
SAÍDA DE RECURSOS PODE TER SUPERADO US$ 1 BILHÃO

Fluxo – O fluxo cambial foi fortemente negativo ontem. Até as 18:40, a saída de recursos era de US$ 900 milhões, dos quais US$ 662 milhões pelo câmbio comercial e de US$238 milhões pelo flutuante. A diretora do Banco Central (BC) Maria do Socorro Costa de Carvalho disse que a perda de reservas poderia superar US$ 1 bilhão, já que estavam previstas para esta semana várias amortizações de bônus emitidos por empresas.

Segmento de câmbio tem poucos negócios

O dólar comercial fechou praticamente estável ontem, com desvalorização residual de 0,01%, cotado por R$ 1,1914 para a compra e por R$ 1,1922 para a venda. Segundo operadores, o Banco do Brasil vendeu dólares para impedir a alta das cotações. O paralelo ficou estável, negociado por R$ 1,255 para a compra e por R$ 1,270 para a venda. O mercado futuro de dólar teve poucos negócios, refletindo a cautela dos investidores. As cotações dos contratos para novembro avançaram 0,02%, enquanto as projeções para dezembro e janeiro subiram 0,06% e 0,11%, respectivamente.



Taxa de juro do over sobe mais uma vez

O anúncio do pacote fiscal não alterou a estratégia do BC no mercado à vista de juros. Mais uma vez, a taxa do over subiu 0,10 ponto porcentual, de 42,30% para 42,40% ao ano. Para analistas, esse aumento gradual visa a punir quem mandou dólares para fora do País, além de desestimular novas remessas. A questão é saber quando os juros começarão a cair. Parte do mercado acredita que a primeira redução ocorrerá em 11 de novembro, data da próxima reunião do Copom. O ritmo de aprovação das medidas pelo Congresso e o comportamento do fluxo cambial devem determinar a velocidade de queda das taxas.